

# ESCOLA ARTE LIVRE: ENSINO DE ARTE PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL DE PACIENTES E ESTUDANTES

*ARTE LIVRE SCHOOL: TEACHING ART TO PROMOTE MENTAL HEALTH FOR PATIENTS AND STUDENTS*

*ESCUELA ARTE LIBRE: ENSEÑANZA DE ARTE PARA EL FORTALECIMIENTO DE LA SALUD MENTAL DE PACIENTES Y ESTUDIANTES*

Angélica Maria Gadelha Guimarães Pompeu<sup>1</sup>

Lia Lira Olivier Sanders<sup>2</sup>

Francisco Sebastião de Paula<sup>3</sup>

Maria Euda Barbosa<sup>4</sup>

Marília Studart Barbosa<sup>5</sup>

Verônica Maria Benevides Pedrosa<sup>6</sup>

Francisco Ronaldo Ramos Vieira<sup>7</sup>

## Resumo

Este artigo é um relato da experiência da Escola Arte Livre (EAL), um projeto que oferece a experiência terapêutica da arte a usuários de serviços de saúde mental e estudantes de medicina, por meio de cursos de arte e vivências em um ateliê com artistas plásticos e arteterapeutas. A iniciativa parte do pressuposto de que o processo artístico tem efeito terapêutico. Além de propiciar formação complementar e produção artística para pacientes e estudantes, a EAL busca promover a humanização da prática médica, diminuir o estigma em relação aos transtornos mentais, habilitar psicossocialmente os pacientes e estabelecer um diálogo entre terapeutas e artistas sobre os recursos artísticos e suas formas de facilitação. A EAL insere-se em um modelo de saúde mental baseado nas propostas de humanização e interdisciplinaridade da Reforma Psiquiátrica. Ademais, apresentamos a metodologia e reflexões acerca desta experiência.

**Palavras-chave:** arteterapia; educação médica; humanização; promoção de saúde.

## Abstract

This article is an experience report of the Arte Livre School, a project that offers the therapeutic experience of art to mental health service users and medical students, through an art courses and studio experiences with visual artists and art therapists. The initiative assumes that the artistic processes have a therapeutic effect. In addition to providing complementary training and artistic production for patients and students, the Arte Livre School seeks to promote humanization in the medical practice, reduce stigma concerning mental disorders, psychosocially empower patients, and establish a dialogue between therapists and artists about artistic resources and their forms of facilitation. The project is in line with a mental health model that considers the humanization and interdisciplinarity advocated by the Brazilian Psychiatric Reform. Furthermore, we present the methodology and reflections on our practice.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia (Universidade Federal do Ceará - UFC). Especialista em Psicologia Junguiana (Instituto Dédalus). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE). Mestranda em Artes (PPGARTES - IFCE). E-mail: gadelha.angelica@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: lia\_sanders@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto Federal do Ceará PPGARTES/IFCE. E-mail: spaula.depaula@gmail.com.

<sup>4</sup> Arteterapeuta associada à Associação Pernambucana de Arteterapia - ARTE-PE. E-mail: eeudasouza@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> E-mail: mariliastudart@hotmail.com.

<sup>6</sup> E-mail: veronicapoesia@yahoo.com.br.

<sup>7</sup> E-mail: ronaldo-vieira@hotmail.com.

**Keywords:** art therapy; medical education; humanization; health promotion.

## Resumen

Este artículo es un relato de experiencia de la Escuela Arte Libre (EAL), un proyecto que ofrece la experiencia terapéutica del arte a usuarios de los servicios de salud mental y a estudiantes de medicina, por medio de cursos de arte y vivencias en un atelier con artistas plásticos y arteterapeutas. La iniciativa parte del supuesto que el proceso artístico tiene efecto terapéutico. Además de propiciar formación complementaria y producción artística para pacientes y estudiantes, la EAL trata de estimular la humanización de la práctica médica, reducir el estigma relativo a los trastornos mentales, habilitar a los pacientes en lo psicosocial y establecer diálogo entre terapeutas y artistas sobre los recursos artísticos y su forma de uso. La EAL se insiere en un modelo de salud mental basado en las propuestas de humanización e interdisciplinaridad de la Reforma Psiquiátrica. Además, presentamos la metodología y reflexiones sobre esta experiencia.

**Palabras-clave:** arteterapia; educación médica; humanización; fortalecimiento de la salud.

## 1 Introdução

A arte ganhou relevância para a promoção da saúde mental no final do século XIX, quando profissionais da psiquiatria começaram a reconhecer o significado expressivo e o potencial terapêutico das produções artísticas dos pacientes. No início do século XX, estudiosos da psicologia debruçaram-se sobre as obras de artistas clássicos, com intuito de desvendar os mistérios da projeção de simbolismos<sup>1</sup>.

Diversas definições de arteterapia foram propostas desde que o termo surgiu, no final da década de 1940. Atribui-se ao artista britânico Adrian Hill o primeiro uso da expressão “arteterapia” para descrever a aplicação terapêutica da criação de imagens<sup>2</sup>. Na mesma época, nos Estados Unidos, a psicóloga Margaret Naumburg começou a utilizar o termo arteterapia para descrever o processo de liberar o inconsciente por meio da expressão espontânea da arte<sup>3</sup>.

A arteterapia evoluiu então entre os dois polos de concepção sobre o uso do recurso artístico como terapia, um que enxerga a arte como veículo de conteúdos pessoais simbólicos a serem analisados em terapia; outro que ressalta o valor terapêutico inerente ao processo criativo e ao fazer artístico<sup>4</sup>. No Brasil, o trabalho de Nise da Silveira inaugurou a utilização de recursos artísticos em hospitais psiquiátricos, um contexto terapêutico até então extremamente estigmatizante<sup>5</sup>. Desde então, a arteterapia vem-se aprofundando no Brasil enquanto campo de estudo e trabalho.

Movimentos críticos sobre as formas de tratamento psiquiátrico ajudaram a reformular os dispositivos de cuidado à saúde mental, o que conduziu a um modelo de tratamento mais humanizado e interdisciplinar<sup>6</sup>. As possibilidades de tratamento ambulatorial consolidaram-se e incorporaram as práticas artísticas enquanto recurso

terapêutico e instrumento de promoção de saúde mental<sup>7</sup>.

A promoção de saúde mental não é crucial somente para os usuários dos serviços de saúde mental. Estudantes de medicina apresentam elevado sofrimento psicossocial<sup>8,9</sup> — o que tem consequências diretas para a assistência. A saúde mental do estudante é diretamente proporcional à sua empatia e inversamente proporcional ao seu profissionalismo<sup>10</sup>. Outro aspecto que merece atenção é o elevado estigma dos estudantes de medicina em relação à psiquiatria, que pode ser modificado por suas experiências com pacientes da saúde mental<sup>11</sup>.

Este artigo relata a experiência da Escola Arte Livre (EAL), um projeto de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), iniciado em outubro de 2018, em parceria com o curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará (IFCE). A EAL oferece a experiência terapêutica da arte a usuários de serviços de saúde mental e a estudantes de Medicina, por meio de curso de arte e vivências em ateliê com artistas plásticos e arteterapeutas, em um espaço onde arte, educação e saúde mental confluem.

Além de propiciar formação complementar e produção artística para pacientes e estudantes, a EAL busca promover a humanização da prática médica, diminuir o estigma em relação aos transtornos mentais, habilitar psicossocialmente os pacientes. Além da função terapêutica da arte, as atividades do projeto oferecem conhecimentos teóricos e práticos em artes visuais e estabelecem um diálogo entre terapeutas e artistas acerca dos recursos artísticos e suas formas de facilitação.

## **2 Metodologia**

A Escola de Arte Livre (EAL) é um projeto de extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, Campus Fortaleza, que oferta curso de iniciação ao desenho e à pintura e vivências em ateliê de arte a pacientes psiquiátricos e estudantes de medicina. A cada semestre ocorrem dez encontros semanais com duração de 2h a 3h. Os encontros são facilitados por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais do IFCE, artistas plásticos e arteterapeutas voluntários. Parte-se do aprendizado técnico para possibilidades de criação poética, expressiva, contemplando temas de introdução ao desenho (linha, luz e sombra, forma e perspectiva, figura humana e a paisagem) e à pintura (teoria das cores, composição visual). Cada nova série de encontros é adaptada de acordo com o público formado,

por vezes mais técnico, por vezes mais expressivo. Até o momento, foram realizadas três edições, cujo desenvolvimento descreveremos a seguir.

Como material para as aulas, utilizamos pranchetas A3, cavaletes, papel AP80 A3, tinta acrílica (cores primárias, preto e branco), lápis HB e 6B, borrachas, régua, vasilhames, pincéis, tesoura, cola branca, papéis coloridos, giz, lápis de cor, pastel seco, esponjas, recortes de revista, retalhos para limpeza e material visual exemplificativo.

*Primeira edição – Curso de iniciação ao desenho e à pintura para estudantes de Medicina e usuários de serviços de saúde mental*

Em 2018.2, os encontros foram realizados de 02.10 a 04.12.18, na forma de curso de extensão com 40h de duração. Foram 30h de atividades presenciais, desenvolvidas em um espaço de convivência da Faculdade de Medicina da UFC-Fortaleza. Participaram do curso dez usuários do serviço de saúde mental e quinze estudantes do curso de medicina. Realizamos a seguinte sequência de atividades presenciais:

1. A linha do desenho.
2. Luz e sombra.
3. Forma e perspectiva.
4. Figura humana.
5. Desenho de paisagens.
6. Teoria das cores.
7. Pintura acrílica.
8. Pintura acrílica.
9. Estudo dos elementos de composição visual.
10. Avaliação da experiência e compartilhamento das atividades extraclasse

Para atividades extraclasse (10h), indicamos filmes relacionados à vida e à obra de artistas e personalidades relevantes para a arteterapia, como Camille Claudel, Nise da Silveira, Arthur Bispo do Rosário, Paul Gauguin, August Renoir, Van Gogh, Frida Khalo e Leonardo da Vinci. Os filmes foram utilizados como motivação para a descoberta de estilos e possibilidades artísticas.

Cada encontro iniciava com a organização do espaço, a recepção dos participantes e seguia com a apresentação do conteúdo programático, elucidação didática

do conteúdo, execução das atividades pelos participantes e fechamento com o compartilhamento dos trabalhos e da experiência do dia. As atividades consistiam em uma primeira produção mais técnica e uma segunda, mais expressiva. Ao término do curso, surgiu a oportunidade de expor os trabalhos. Os participantes foram então convidados a participar da seleção dos trabalhos a serem expostos em um ateliê de arte na cidade de Fortaleza. A pró-reitoria de extensão da UFC emitiu certificados para os participantes do curso.

### *Segunda edição – Vivências em ateliê de arte para usuários da saúde mental*

Em 2019.1, adotamos o formato de vivências em ateliê de arte, em que enfatizamos a expressividade de cada participante e o compartilhamento de suas produções artísticas com o grupo. As atividades ocorreram entre 25.04 e 13.06.2019, no ateliê de arte do Centro de Atenção Psicossocial da Regional III (CAPS), de Fortaleza. Nessa edição, contamos com a participação de 25 usuários do serviço de saúde mental. O CAPS-III localiza-se em frente ao Hospital Universitário da Faculdade de Medicina, o que fez com que alguns pacientes do hospital continuassem a participar do projeto. Uma estudante de psicologia participou dessa segunda edição e alguns estudantes do curso de Medicina e Enfermagem participaram de alguns encontros, mas não de forma contínua. Os encontros seguiram o conteúdo programático da edição anterior, adaptado ao perfil dos participantes, com metodologia condizente aos interesses, motivações e habilidades do grupo. Detalhamos os temas e exercícios adotados nas vivências:

1. A linha do desenho:
  - a) Exercício de velocidade e intensidade da linha ao ritmo de músicas.
  - b) Pintura de espaços entre linhas.
2. Luz e sombra:
  - a) Exercício com distintas densidades de preenchimento de superfícies.
  - b) Exercício de livre expressão.
3. Forma e perspectiva:
  - a) Desenho de objetos tridimensionais.
  - b) Exercício de livre expressão.
4. Figura humana: exercício de completar a “outra face” de rostos recortados de revistas.

5. Desenho de paisagens, animais e plantas: aplicação dos conhecimentos adquiridos nos encontros anteriores para desenhar plantas e lugares.
6. Teoria das Cores: aplicação das cores primárias e secundárias em desenhos livres.
7. Pintura de livre expressão com tinta acrílica.
8. Pintura de livre expressão com tinta acrílica.
9. Avaliação da experiência e seleção dos trabalhos para exposição.
10. Exposição dos trabalhos.

*Terceira edição – Vivências em ateliê de arte para estudantes de medicina e usuários da saúde mental*

Em 2019.2, os encontros aconteceram entre os dias 17.09 e 26.11.2019, no ateliê CAPS-III, mesmo espaço da edição anterior. Contamos com a participação de vinte usuários da saúde mental e quatro estudantes de medicina. Seguimos as temáticas já estabelecidas, adotando os seguintes temas e exercícios ao longo das aulas:

1. A linha do desenho: exercício de auto-retrato e desenho de um dos colegas.
2. Luz e sombra:
  - a) Desenho de objetos tridimensionais iluminados de diferentes ângulos.
  - b) Exercício de tracejado para a composição da sombra.
3. Forma:
  - a) Exercícios de retratar frutas cortadas em diferentes formatos.
  - b) Uso de linhas coloridas para a confecção de *mandalas*.
4. Teoria das cores:
  - a) Construção da paleta de cores preenchendo as pétalas de uma flor.
  - b) Exercício de livre expressão: pintura abstrata.
5. Pintura:
  - a) Construção da paleta individual.
  - b) Exercício de livre expressão: cores da emoção (pintura expressionista).
6. Perspectiva: pintura de paisagens urbanas inspiradas nas fotografias produzidas pelo grupo de fotografia do CAPS-III (Projeto Trilhas de Fortaleza).
7. Forma: exercícios com papéis coloridos e cola para construção de esculturas.
8. Pintura: exercício de mosaico/pintura coletiva.
9. Seleção dos trabalhos e montagem da exposição.
10. Acolhimento, vernissage e apresentação pública dos trabalhos.

### 3 Discussão

Neste artigo, relatamos a experiência da Escola Arte Livre (EAL), um projeto que mescla conhecimentos de arte, arteterapia e educação, em um curso de iniciação ao desenho e à pintura e vivências em ateliê de arte para estudantes de medicina e pacientes psiquiátricos. Esta experiência exemplifica a inserção da prática artística no âmbito das terapias integrativas do serviço de saúde público<sup>7</sup>. A EAL é um projeto interdisciplinar, cujos impactos podem ser compreendidos nos campos da saúde mental, da arteterapia e da educação.

Atividades artísticas reduzem os níveis de ansiedade<sup>12,13,14,15</sup>, elevam a autoestima e a autoconfiança<sup>16,17</sup> e ajudam a proteger contra doenças mentais<sup>18,19</sup>. Não medimos o efeito direto do projeto na saúde mental dos participantes, mas destacamos o impacto positivo da arte na saúde mental, bastante estabelecido na literatura. O ato de executar uma produção parece aliviar a sobrecarga psíquica, como se a necessidade de materializar imgeticamente o drama afetivo nos levasse naturalmente à simbolização<sup>20,21,22</sup>.

A EAL proporciona um espaço de convivência entre profissionais da saúde, usuários do serviço, estudantes facilitadores e participantes. Acreditamos que esta iniciativa influencie positivamente também o serviço de saúde, que ganha qualidade com a integração ensino-serviço<sup>23</sup>. Ao colocar usuários de saúde mental e estudantes de Medicina na mesma vivência de arte, a EAL exercita as habilidades sociais desses pacientes. O projeto aproxima-se, assim, do campo da ressocialização, da reinserção social. Ao considerarmos a produção artística dos usuários do serviço de saúde mental um produto artístico da sua época, eles passam a se inserir em um contexto artístico-cultural.

Ao longo das três edições do projeto, houve uma queda significativa na participação dos estudantes, que eram majoritários na primeira edição. Atribuímos esse fato à mudança no local das atividades, das dependências da Faculdade de Medicina para o ateliê do CAPS. Levar os estudantes para o CAPS é um desafio que passa pelo estigma das instituições de saúde mental. A participação mais contínua de estudantes na última edição do projeto sugere que estamos começando a vencer esse obstáculo.

Dentro do campo da terapêutica, a arte traz a possibilidade de expressão de conteúdos pessoais não expressos por meio de palavras, a função de catarse e de

bem-estar<sup>4,24</sup>. Se considerarmos a dicotomia “arte em terapia” *versus* “arte como terapia”, as atividades da EAL aproximam-se mais da segunda corrente, que considera a atividade artística, em si, terapêutica<sup>2</sup>. A dicotomia é apenas aparente, já que a corrente que utiliza a arte em terapia reconhece o valor do conhecimento técnico artístico para a facilitação da expressão simbólica dos pacientes<sup>24</sup>.

O campo da educação tem refletido sobre a função da arte no desenvolvimento humano, não apenas como conteúdo técnico específico, mas também como metodologia de ensino. A arte aparece com função de livre-expressão, desenvolvimento cognitivo, estímulo à criticidade e inserção social/cultural<sup>25,26,27</sup>. A proposta de ‘Educação pela Arte’<sup>26</sup> defende a formação estética e a transmissão dos conteúdos das mais diversas áreas, por meio de um ensino com recursos artísticos. Do mesmo modo, Maria Montessori<sup>27</sup> (1965) já reconhecia a importância de utilizar metodologias adequadas e criativas, estimulantes no processo de ensino. A experiência da EAL aponta para a possibilidade de ensinar arte para públicos de necessidades específicas, em contextos distintos dos formais, o que oferece novas perspectivas aos estudantes de licenciatura em artes visuais.

Por fim, se considerarmos a educação médica, percebemos que a EAL favorece a humanização dos futuros profissionais de saúde, ao colocar estudantes e pacientes no mesmo campo de aprendizado. Afinal, humanizar a prática médica nada mais é do que retirar os médicos da ilusão de divindade para a aceitação de sua condição humana.

#### **4 Considerações finais**

As experimentações realizadas ao longo das práticas da Escola Arte Livre levam a crer que tanto a prática artística quanto o processo de elaboração e reflexão sobre o material produzido possuem valor terapêutico. Além disso, é possível destacar o potencial de humanização médica e de integração do projeto para a saúde mental, uma vez que possibilita a interação criativa entre pacientes e futuros profissionais da saúde, que, juntos, sondam a terra desconhecida dos processos expressivos e técnicos do instrumental artístico. O diálogo entre artistas, arteterapeutas, estudantes, pacientes e profissionais da saúde na produção da metodologia aqui descrita culminaram em uma didática que vêm se aperfeiçoando ao longo das edições do projeto.



No transcorrer de suas três edições, o projeto vem propiciando um espaço de formação complementar e produção artística para usuários dos serviços de saúde e estudantes, promovendo a humanização da prática médica, reduzindo o estigma em relação aos transtornos mentais, habilitando psicossocialmente os pacientes e viabilizando reflexões teórico-práticas sobre arte, educação e saúde mental. Esperamos que nosso relato possa inspirar a adoção de projetos semelhantes por parte das instituições de ensino superior, do campo das artes e da área da saúde, bem como de serviços de saúde mental em todos os níveis de complexidade.

## Referências

1. Ferraz MHCT. Arte e Loucura: limites do imprevisível. São Paulo: Lemos; 1998.
2. Hill A. Review: Art Versus Illness. 2nd ed. London: Allen and Unwin; 1948.
3. Naumburg M. Arteterapia: seu escopo e função. In: Hammer EF, organizadores. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1991. 288-392 p.
4. Ciornai S. Percursos em Arteterapia: Arteterapia Gestáltica, Arte em Psicoterapia, Supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus; 2004.
5. Silveira N. Imagens do Inconsciente. Petrópolis: Vozes; 2015.
6. Barbosa VFK, Martinhago F, Hoepfner AMS, Daré PK, Caponi SNC. O cuidado em saúde mental no Brasil: uma leitura a partir dos dispositivos de biopoder e biopolítica. Saúde Debate [Internet]. 2016 [acesso em 22 jun 2021];40(108):178-189. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/MSnX7SJXb9cQsRCQSpVfCz/?lang=pt> doi: 10.1590/0103-1104-20161080015
7. Tavares CMM. O papel da arte nos centros de atenção psicossocial - CAPS. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2003 [acesso em 22 jun 2021]; 58(1): 35-39. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/vr6xdKqxm7SgZkzcj8qnSF/?lang=pt> doi: 10.1590/S0034-71672003000100007
8. Pagnin D, Queiroz V. Comparison of quality of life between medical students and young general populations. Educ Health (Abingdon) [Internet]. 2015 [acesso em 22 jun 2021]; 28(3): 209-12. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26996647/> doi: 10.4103/1357-6283.178599
9. Pacheco JP, Giacomini HT, Tam WW, Ribeiro TB, Arab C, Bezerra IM, et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. Braz J Psychiatry [Internet]. 2017 [acesso em 22 jun 2021]; 39(4): 369-378. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/FsKx7VwgRVsvwS638Bqhbmk/?lang=en> doi:

[https:// 10.1590/1516-4446-2017-2223](https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2223)

10. Dyrbye LN, Harper W, Moutier C, Durning SJ, Power DV, Massie FS, et al. A multi-institutional study exploring the impact of positive mental health on medical students' professionalism in an era of high burnout. *Acad Med [Internet]*. 2012 [acesso em 22 jun 2021]; 87:1024-31. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22722352/>  
doi: 10.1097/ACM.0b013e31825cfa35
11. Janoušková M, Weissová A, Formánek T, Pasz J, Bankovská Motlová L. Mental illness stigma among medical students and teachers. *Int J Soc Psychiatry*. 2017; 63(8):744-751. DOI: 10.1177/0020764017735347
12. Grossi E, Tavano Blessi G, Sacco PL. Magic moments: determinants of stress relief and subjective wellbeing from visiting a cultural heritage site. *Cult Med Psychiatry*. 2019;43(1):4–24. DOI: 10.1007/s11013-018-9593-8
13. Martin L, Oepen R, Bauer K, Nottensteiner A, Mergheim K, Gruber H et al. Creative arts interventions for stress management and prevention – a systematic review. *Behav Sci (Basel)*. 2018;8(2):pii:E28. DOI: 10.3390/bs8020028
14. Linnemann A, Strahler J, Nater UM. The stress-reducing effect of music listening varies depending on the social context. *Psychoneuroendocrinology*. 2016; 72:97-105. DOI: 10.1016/j.psyneuen.2016.06.003
15. Panteleeva Y, Ceschi G, Glowinski D, Courvoisier DS, Grandjean DM. Music for anxiety? Meta-analysis of anxiety reduction in non-clinical samples. *Psychol Music*. 2017;46(4):473-87. DOI: 10.1177/0305735617712424
16. Ascenso S, Perkins R, Atkins L, Fancourt D, Williamon A. Promoting well-being through group drumming with mental health service users and their carers. *Int J Qual Stud Health Well-being*. 2018;13(1):1484219. DOI: 10.1080/17482631.2018.1484219
17. Franklin M. Art therapy and self-esteem. *Art Ther*. 1992;9(2):78–84. DOI: 10.1080/07421656.1992.10758941
18. Fancourt D, Steptoe A. Effects of creativity on social and behavioral adjustment in 7- to 11-year-old children. *Ann N Y Acad Sci*. 2018;1438(1):30-9. DOI: 10.1111/nyas.13944
19. Fancourt D, Tymoszuk U. Cultural engagement and incident depression in older adults: evidence from the English Longitudinal Study of Ageing. *Br J Psychiatry*. 2018;214(4):225-9. DOI: 10.1192/bjp.2018.267
20. Jung CG. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes; 1957/2011.
21. Jung CG. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes; 1958/2011
22. Jung CG. *Memórias, sonhos, reflexões*. In: Aniela Jaffé, organizador. 30. ed. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira; 2016.

23. Pizzinato A, Gustavo AS, Santos BRL, Ojeda BS, Ferreira E, Thiesen FV, et al. A Integração Ensino-Serviço como Estratégia na Formação Profissional para o SUS. Rev. Bras. Educação Médica. 2012; 36(1, Supl. 2): 170-177. DOI: 10.1590/S0100-55022012000300025
24. Pain S; Jarreau G. Teoria e técnica da arteterapia: a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
25. Barbosa AM; Coutinho RG. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: Unesp; 2009.
26. Read H. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
27. Montessori MTA. Pedagogia científica: a descoberta da criança. São Paulo: Editora Flamboyant; 1965.